

Fonte: Revista da Cavalaria do ano de 1963, págs. 187 a 197

O “345” EM ANGOLA



Na carreira militar - deixou escrito Mouzinho no seu famoso Relatório de Moçambique» - não basta que um indivíduo tenha a instrução profissional, um regular comportamento e a suficiente aplicação aos objectos de serviço que o ponham ao abrigo das penas disciplinares, para que seja um bom oficial. «Se um autor contemporâneo encontra razões bastantes para chamar aos militares os Padres da Religião do Civismo, foi tão somente porque em ambas carreiras se exige, mais que em qualquer outra, a abnegação levada ao ponto de sacrificar sempre o indivíduo à colectividade em que se acha fundido, o esquecimento completo dos mais caros interesses pessoais pelo fim comum que se tem em vista. E para se conseguir isto não basta a instrução e a disciplina; é necessário, sobretudo, o conjunto de qualidades, natas umas, outras resultantes de influências estranhas, que se chama a vocação. No Exército nem sempre se encontram oficiais com vocação... Pois nas sociedades latinas, atabalhoadamente democratizadas no primeiro meado do século, o Exército e o Clero passaram a ser considerados pela maioria dos políticos que monopoliza o poder, como instrumentos úteis para manter a ordem, mas

instrumentos perigosos, cuja têmpera se não deve deixar apurar, e aos quais é necessário tolher os meios de alcançarem força e vitalidade, com receio que possam perturbar a actual ordem de coisas, única que lhes permite fruir os proventos do poder e gozar as vaidades do Mando...»

Estas amargas palavras não podem ter cabimento nos tempos que correm. Há que glorificar os nossos heróis, há que os tornar conhecidos, tem a Nação a obrigação absoluta de apontar à juventude os militares que em combate se distinguiram, mocidade generosa que em Angola e na Guiné rega com o seu sangue o património deixado pelos nossos antepassados. Há, como houve, militares que cumprem com mais ou menos entusiasmo o serviço no Ultramar, outros que acham uma aborrecida interrupção no serviço de rotina a que há anos se haviam habituado. Estes últimos são militares sem vocação, os que não compreendem claramente o verdadeiro sentido das servidões e grandezas militares. O verdadeiro militar deve escolher esta profissão como um verdadeiro sacerdócio, aquele para quem o morrer de armas na mão (o seu maior desejo), o perigo (o seu verdadeiro ambiente), o conduzir homens em combate (o seu maior anseio), aquele para quem uma medalha de valor militar é a recompensa máxima para o sacrifício despendido, por vezes, a própria vida. Todo aquele que assim não pensa errou a sua vocação, deve procurar outros caminhos por vezes mais compensadores materialmente mas sem a compensação espiritual que o dever bem cumprido faz sentir ao militar de verdade.

Há que separar o trigo do joio... há que elevar os heróis e castigar os que não cumprem, não os podemos igualar nas recepções da chegada, não os devemos também igualar na ascensão da hierarquia militar. Aos oficiais que o mereçam há que aplicar o pensamento de Mousinho:

«... apressar-lhes a promoção, não tanto como recompensa dos serviços prestados, mas para mais cedo se lhes aproveitarem as aptidões excepcionais nos postos superiores.»

Há muito que dormíamos numa paz sonolenta; tirando os que se bateram em 14 e na guerra civil de Espanha, a maioria dos nossos oficiais nunca ouviu tiros, nunca havia arriscado a vida... assim, a guerra de Angola e Guiné tem a vantagem de despertar e confirmar vocações militares, de fazer uma verdadeira selecção entre os que, em tempo de paz, escolheram a carreira militar. As lutas no Ultramar já há muito a Cavalaria Portuguesa se habituara e não muito longe, em fins do século XIX e meados do século XX, dera as suas provas de coragem inabalável. A história repete-se e que falem as terras do Norte de Angola e os lamaçais da Guiné...



O Tenente-Coronel Spínola fotografado pelo lápis de um seu subordinado, numa operação no Norte de Angola

Para Angola uma das primeiras forças de cavalaria a seguir foi o Batalhão de Cavalaria 345; a comandá-la um oficial de escolha: o tenente-coronel de cavalaria António Sebastião Ribeiro de Spínola.

Este Batalhão foi mobilizado pelo R. C. 3 [Regimento de Cavalaria 3], em Estremoz, e desembarcou em Luanda a 4 de Dezembro de 1961, ficando instalado no Campo Militar do Grafanil a fim de completar a sua preparação e de satisfazer condicionamentos indispensáveis.

Entre princípios de Janeiro e meados de Maio, toda a força se encontrava em Sector na região de Bessa Monteiro, escolhido para «limpar» uma das áreas em que o inimigo se encontrava mais agressivo e moralizado. A firmeza, o sentimento da missão a cumprir e o espírito de corpo impressos ao Batalhão pelo seu Comandante, conferiram-lhe um temperamento de tal modo ofensivo que a organização terrorista local, até então quase incólume, se viu, em prazo relativamente curto, desmoralizada e receosa, a ponto de evitar a todo o transe o contacto com os homens do «345» e só aceitando o combate quando a ele se não podiam furtar.

Realizando guerrilhas e contra-guerrilhas, transcendendo e resolvendo inevitáveis dificuldades de apoio logístico, que, àquela data, a custo podia acompanhar o seu espírito altamente dinâmico, realizando acções muitas vezes pessoalmente conduzidas pelo tenente-

coronel Spínola, as tropas do «345» jamais conheceram limitações ou condicionamentos ao seu espírito ofensivo, o que lhe permitiu reduzir o adversário às suas verdadeiras proporções, convencendo-o da sua real inferioridade.

São provas destas características, entre outras, as operações «Mata Sanga» na região a Sul da estrada Bessa-Baca; «Quidilo II» na estrada Bessa Monteiro-Ambriquete e as conduzidas na confluência dos rios Sela e Lufesse, Ina, Banza-Pango, Lubamba e N'Gozela.

Uma parte destas operações realizou-se já na região de S. Salvador, onde o Batalhão permaneceu de princípios de Junho de 1962 a princípios de Maio de 63, desenvolvendo uma acção não menos brilhante e eficiente que a de Bessa Monteiro.

São, no entanto, de destacar as acções levadas a cabo nas regiões de Fuesse, Quindualo, Fiauquire que mereceram aos Comandos superiores justos elogios pela forma como foram conduzidas e executadas.

Cumprida com relevo a sua missão no Noroeste da Província, foi o «345» transferido para o Sul, sendo confiado ao seu Comandante a responsabilidade da respectiva zona.

Também este não foi local de repouso para os homens. Bem afeitos à dura vida da campanha, a sua actividade em nada foi reduzida.

Patrulhando incansavelmente a sua Zona de Acção não ao acaso, mas segundo um inteligente planeamento e uma bem definida orientação, as tropas sempre apumadas e bem instruídas, estabeleceram proveitosos contactos, tão frequentes quanto possível, com as populações locais induzindo nelas sentimentos de confiança e simpatia, ao mesmo tempo que obtinham preciosas informações.

O «345» foi pois uma Unidade de elite, constituída por soldados que conhecem as virtudes militares e à firmeza dos quais a manutenção da integridade de Angola muito fica a dever.

Dignos sucessores dos heróicos cavaleiros seus antepassados, os homens do «345» podem ter a consciência tranquila e segura de que, pelo seu valoroso esforço, prestigiaram a Arma de Cavalaria e o Exército Português.





Aspectos da despedida, em Luanda, do Batalhão de Cavalaria 345

Aos seus oficiais pode aplicar-se um pensamento do grande administrador ultramarino António Ennes:

«...se tivessem vivido nos séculos XV ou XVI poderiam chamar-se Duarte Pacheco ou D. Duarte de Menezes sem empanar o brilho dos seus nomes...»

Na verdade, não causou surpresa o dinamismo emanado do «345» pois tinha à sua frente um militar de invulgares qualidades profissionais e morais. O tenente-coronel Spínola, antigo aluno do Colégio Militar, se não era velho já não estava na sua primeira mocidade; os seus 52 anos e a sua posição na escala punham-no ao abrigo de qualquer mobilização para o Ultramar; no entanto não deixou fugir a oportunidade única que se lhe apresentava para cumprir os anseios a que há tanto aspirava, abandonando posições cómodas e sujeitando-se às agruras do combate. Ajeitou o seu inseparável monóculo, organizou as suas tropas com a meticulosidade que lhe é habitual e seguiu. Ainda me lembro de o ouvir dias antes da partida dizer-me, com mágoa: «já vou tarde...». Infelizmente ia o mais a tempo possível e, de tal modo se portou que, em pouco tempo, o seu nome era lendário em Angola. De farda camuflada, invariavelmente de monóculo e de luvas, um pau comprido na mão direita, a bússola na mão esquerda, quando caminhava, com admirável serenidade nos momentos de combate, a figura do tenente-coronel Spínola esteve sempre à frente dos seus soldados, quer chovesse, quer fizesse sol, animando-os com a sua presença, dando-lhes fé e esperança nas horas de desespero. No seu íntimo devia pensar no juramento do grande general Pereira de Eça:

«O meu dever é expor-me com os meus soldados e sofrer com eles todas as privações que as circunstâncias me obrigam a impor-lhes.»

Uma marcha de cerca de 375 km, durante dias e dias consecutivos, ficou célebre. Numa passagem a vau, em que a água dava pelos ombros, vários soldados se ofereceram para o transportarem às costas mas o então tenente-coronel Spínola recusou categoricamente: «Não há problemas. Obrigado. Eu também aparecerei na outra margem». E, na verdade, passados minutos atravessava o rio caudaloso apenas apoiado a um pau.

S. Salvador fê-lo por unanimidade cidadão honorário e, meses mais tarde, em regiões do Sul, como comandante da Zona de Intervenção do Sul, deixou ali bem marcada a sua vincada personalidade tanto de militar como de homem de carácter. A população civil adjectivou-o de «militar ímpar» e um colono, antigo cabo de Cavalaria 7, onde servira em 1937, escreveu publicamente:

«Meu Coronel, deixa Angola num momento em que ela tanto precisa de militares como o meu Coronel...»

Como lhe devem ter calado fundo estas palavras, que maravilhosa recompensa para mais de 2 anos de duro labor... aquela frase resumia o pensamento das gentes simples que com ele tinham lidado. E, do mais alto magistrado da Nação, ouviu estas palavras:

«Com a tropa como a sua, Sr. Comandante, nunca pode haver derrotados».

Esta mística, este espírito de corpo foi o Coronel Spínola quem a transmitiu aos seus homens. O General Comandante da Região, num louvor dado ao Batalhão cita a «abnegação, a valentia, a extraordinária firmeza, a rara decisão, o desprezo pelo perigo, manifestados frente ao inimigo», mas mais alto e mais claro é o louvor dado ao Coronel Spínola e inserto na Ordem do Exército n.º 7 – 2.ª série, de 1 de Julho de 1963 que se publica noutra secção deste número da Revista da Cavalaria que finda com as palavras seguintes:

«... Através de toda a sua brilhante acção o Tenente-Coronel Spínola revelou as nobres virtudes e qualidades que caracterizam a grandeza do dever militar, contribuindo para a honra e glória do Exército em Angola, pelo que bem merece a citação que lhe é feita para conhecimento e agradecimento da Nação.»

A medalha de valor militar de prata, com palma, passa a figurar naquele peito valente.

Ao abandonar a região fronteiriça de S. Salvador, a cargo do «345», haviam sido percorridas todas as estradas, picadas e trilhos da região, a qual ficou completamente dominada pois a rede de quartéis terroristas em que estes se apoiavam ficou completamente desmantelada. É certo que o Batalhão deixou sob a escaldante terra africana 2 oficiais, 4 sargentos, 11 praças e 2 guias nativos e que no total houve a registar 53 feridos mas, após 17 meses de operações, ficou provado que, por mais extensas que sejam as matas e o capim por mais alto que se encontre, isso não são obstáculos para uma tropa branca aguerrida e com bom moral; também ficou provado que, seja qual for a época do ano, as nossas tropas poderão sempre penetrar no mato aproveitando as passagens genticas.

No campo de colaboração com o indígena há a salientar a actuação do guia e informador Álvaro Casimiro de Água Rosada o qual, como recompensa dos altos serviços prestados, recebeu o louvor seguinte:

«Louvado o guia nativo Álvaro Casimiro de Água Rosada, pela forma leal, aberta e sobremaneira eficiente, como, no desempenho das suas funções de guia, colaborou com o Comando do Batalhão de Cavalaria 345 na repressão do terrorismo na região de S. Salvador. Homens valente, óptimo atirador, inteligente, dotado de invulgar capacidade de observação, profundamente conhecedor da região e dos costumes dos nativos, a sua colaboração foi sempre verdadeiramente meritória, não só na fase preparatória das operações como na execução das mesmas e no subsequente interrogatório de prisioneiros.»

Tomou parte, como guia, em todas as operações realizadas pelo Batalhão na região de S. Salvador, tendo marchado sempre no escalão de vanguarda. Esteve várias vezes debaixo de fogo e algumas empenhado em combate, tendo sempre revelado notável serenidade e abatido vários terroristas. Este exemplar servidor contribuiu com a sua acção para o bom êxito das operações realizadas pelo Batalhão na região, nomeadamente na operação «Alferes Viana» em que foi ocupada a grande «Base terrorista do Fuisse» e conquistado o «depósito terrorista do Quindualo», respectivamente em 26 e 27 de Julho de 1963, e na operação «Amigos da Onça», de 8 a 25 de Janeiro de 1963, em que foram completamente eliminados dois núcleos de terroristas.»

É ainda de salientar o facto de nunca se ter deixado intimidar com as cartas que recebia com ameaças de morte por colaborar com as Forças Armadas na repressão do terrorismo local, mantendo sempre uma linha de conduta desassombrosa e intransigentemente fiel à causa nacional.»

O guia Água Rosada, pela sua inextinguível dedicação e lealdade a Portugal, pela sua valentia e nela forma exemplar como colaborou com as Forças Armadas, tem jus à gratidão de todos os bons portugueses e bem merece da Pátria, que abnegadamente serve, e a que prestou serviços relevantes.»

Que lhe seja concedida, e rapidamente, a medalha de dedicação e mérito para que está proposto, são os votos que, decerto, fazem todos os homens do «345» a quem Água Rosada tantos serviços prestou.

Depois deste ano e meio da escola de África, oficiais, sargentos e soldados estavam aptos a tudo suportar tanto mais que muitas das operações decorreram em plena época das chuvas, no interior de matas absolutamente cerradas ou em terrenos de capim de grande altura. Os homens desta unidade, ao partirem para o sul, constituíam um autêntico escol resultante de uma selecção feita pela dura vida de mato e de guerrilha constante.

O 2.º comandante do grupo, o major de cavalaria Bernardo Rapozo Botelho de Sá Nogueira - medalha de serviços distintos com palma - mostrou-se um magnífico colaborador do seu comandante, nunca se poupando a perigos, havendo que salientar especialmente a sua acção nas operações realizadas entre 18 de Outubro a de Novembro de 1962;

O capitão de cavalaria Fernando Alberto Cardoso Pinto Xavier de Brito, Cruz de Guerra de 2.ª classe, mostra coragem excepcional e espírito de decisão nos momentos graves. Na emboscada que sofreu em 25 de Abril de 1962, onde se verificaram numerosas baixas entre mortos e feridos, e apesar de gravemente ferido, não abandonou o comando da coluna mostrando-se um verdadeiro chefe;

O capitão de Cavalaria Henrique Bernardino Godinho, medalha de serviços distintos de prata com palma, foi um distinto oficial de operações, com algumas centenas de horas de voo, em missão de reconhecimento. Fora destas funções, na operação «Quidilo III», mostrou-se altamente corajoso muito tendo contribuído para o bom êxito das acções de guerra;

O infatigável capitão de cavalaria Rui Mamede Monteiro Pereira, Cruz de Guerra de 3.ª classe, de vincada personalidade, demonstrou uma excepcional capacidade para o comando, sempre à frente das suas tropas e em todas as situações, sempre mostrou uma coragem e serenidade espantosas. O seu espírito combativo e ousado reflectia-se nos seus homens que cegamente o seguiam;

O capitão de cavalaria João de Almeida Bruno, medalha de serviços distintos de prata com palma, dotado de altas qualidades militares contagiava os seus homens pela sua irrepreensível conduta e espírito de sacrifício e de valentia nunca hesitou em executar as mais arriscadas operações;

O jovem alferes Rui Manuel Machado da Cruz, Cruz de Guerra de 3.ª classe, que antes de entrar em combate já se mostrava um bom subalterno veio confirmar as suas magníficas qualidades, serenidade, espírito de decisão, valentia e sangue frio. Destacou-se na operação «Mata Sanga» onde foi ferido quando, à frente dos seus homens, atravessava uma zona perigosa. Da sua acção resultaram perdas para o inimigo tendo mais uma vez posto à prova as qualidades militares que possui quando da ocupação da grande base terrorista do Fuesse e na conquista do «Depósito Terrorista do Quindualo». O seu espírito decidido não o fez hesitar em lançar-se a um rio infestado de jacarés para, com o auxílio do 1.º cabo 1055/61 Carvalho Ferreira, salvar um furriel do seu pelotão que caíra ao rio Lunde completamente armado e equipado e que teria tido morte certa se não fosse tão prontamente socorrido.

Não pode ficar esquecida a abnegação e grande coragem que, debaixo de fogo, demonstrou o furriel de cavalaria Vicente Esteves Ribeiro Dias. Uma Cruz de Guerra de 4.ª classe compensou-o dos esforços despendidos.

Os furriéis Mandriana, Santos Domingos, Soares de Moura, David Varela e Cristóvão Cabaco foram exemplos vivos de coragem para os homens que comandavam.

Excepcional foi o comportamento do 1.º cabo n.º 1135/61, João de Jesus Belchior, Cruz de Guerra de 4.ª classe, e bem marcaram a sua posição de homens valentes os 1.ºs cabos Nobre, Pedro Fernandes, Mestre da Silva, Silva Ferreira e Gaudêncio Silvestre a quem a medalha de mérito militar de 4.ª classe foi atribuída com reconhecida justiça.

Dos soldados apenas se pode dizer que não desmereceram dos chefes que tinham e que foram dignos continuadores daqueles homens que, pela espada e sacrifícios sem conto, talharam o que hoje constitui o Portugal Ultramarino, todos mostraram uma confiança sem

limites nos seus chefes, dispostos a sofrerem todas as rudezas de uma guerra traiçoeira e aniquiladora e, os que por lá ficaram para sempre, souberam morrer com uma grandeza que a todos impressionou.

A Cruz de Guerra de 4.^a classe glorificou os soldados Silva Neto, Cardoso Dias e Joaquim Repolho Carvide [Carnide], este último morto por ferimentos recebidos em combate. A medalha de serviços distintos de cobre com palma foi justíssimo galardão para o soldado 1062/61 José Joaquim Antunes Lourenço.

Nos soldados não quero deixar de registar os nomes de António dos Cárceres Veiga, José Antunes Alves, Francisco Vespasiano Rosa, Manuel António Narciso, Garcia Alves, António Duarte Costa, Manuel dos Santos Cepo e Joaquim José Bernardo, que, para as suas terras, como recompensa da sua acção, levaram a medalha de mérito militar de 4.^a classe.

Um grupo de homens desta ténpera não é vulgar encontrar-se, é certo que neles existiam qualidades invulgares e adormecidas mas tudo foi possível pela acção do seu Comandante que, dando o exemplo, acompanhando sempre as suas tropas como um jovem alferes, pelo exemplo e pela palavra galvanizou o Batalhão, deu-lhe coesão, espírito de corpo e um amor sem limites à Arma em que serviam.

Felizes aqueles que se podem gabar de ter pertencido ao «345», que não fiquem no esquecimento estes Homens e que amanhã, no dia da festa da Cavalaria, se reconstitua o Batalhão para desfilar Avenida abaixo, clarins a tocar e bandeiras ao alto, para ser apontado como exemplo de virilidade, de coragem, de espírito cavaleiro.

Este despretenhoso trabalho teve apenas como fim exaltar alguns «cavaleiros» que se distinguiram recentemente no Ultramar elevando assim a Arma onde servi, com devoção, durante os melhores anos da minha vida e, para findar, não quero deixar de citar, por actuais, as palavras com que António Ennes finda o seu conhecido relatório sobre «A Guerra de África em 1895»:

«Se formos uma Nação toda a acreditar no futuro das nossas províncias ultramarinas e a querer realizar esse futuro de prosperidades, Portugal renascerá nelas como renascer os Pais nos Filhos. E, provavelmente, quando essa empresa se coroar de êxito, a Nação jubilosa repetirá outra vez: ainda somos portugueses! e haverá quem declare ter sido fácil o cometimento antes proclamado irrealizável. Pois que ainda somos portugueses, aproveitemos o único recurso que ainda resta a Portugal para continuar a ser Portugal.»

Capitão Mil.^o VIEIRA DA ROCHA

